

## Pássaros

### Maria Carolina Scoz Monti, Brasil

Guardarei aqui comigo, por quanto tempo for preciso, o seu exemplar do último livro da Margaret Atwood: *Dearly*. Quando telefonei perguntando “Por acaso quer algo de Londres?” você pediu apenas uma flâmula do Liverpool Football Club (eu não sabia que o símbolo do time é um pássaro marinho, capaz de voar alto e mergulhar fundo, nem que há uma inscrição acima do brasão: “*You will never walk alone*”). A flâmula já está junto à sua cama; enquanto o livro saberá esperá-lo. Não há, neste mundo, amigo mais paciente que um livro, nem mais generoso: tem muito a dizer e, no entanto, consegue permanecer sereno até que o encontremos e desejemos com ele iniciar uma conversa. Acho que, desta vez, foi a capa o que primeiro atraiu meus olhos: plumas azuis de pássaro, asas cintilantes abertas sobre nós. Ela confessa, no prefácio, que teme por um mundo com menos aves pelos céus. Ao ler os poemas, tive a impressão de que, aos 82 anos, tenta guardar dentro de si todas as coisas passageiras que amou em sua longa vida. Lá fora estão desaparecendo; dentro da memória, continuarão pulsando fortemente. Já lhe contei (você olhou espantado, mas depois riu!) que coleciono em minha estante o que eu mais gostaria que lesse um dia. Daí, os esparsos volumes que estão duplicados: um para mim, um para meu filho. Quem sabe levantem dentro de você algo poderoso, como foram capazes de fazer com sua mãe. Quem sabe o inspirem, ou despertem, ou encorajem – quem sabe o protejam ou até o salvem. Sei que você já descobriu a felicidade de ler um livro fascinante pela primeira vez. E posso lhe dizer que, mais tarde, ao revisitar leituras, você poderá sentir o mesmo deslumbramento, e se tornar mais apreciativo, e agradecido pela sábia companhia, e capaz de encontrar novos sentidos, e ser tomado por emoções inesperadas e – acredite, não importa quanto ingênuo isso agora pareça – naquelas páginas você poderá buscar algum consolo para suas aflições. Nesse livro de poemas, Atwood lamenta que certas experiências sejam ameaçadas de extinção num tempo propício à velocidade e virtualidade. Para quê fotografias Polaroid, se há celulares? Para quê jornais impressos se há redes sociais? Para quê advérbios sentimentais: *apaixonadamente, tristemente, profundamente*? *Eu lamento profundamente*: muito em breve, quem entenderá uma expressão antiga como essa, pergunta a escritora? Para quê cartas, desapressados parágrafos escritos

à mão e levados ao destinatário na bicicleta do carteiro, se uma mensagem digitada atravessa continentes em menos de um minuto? Tanto quanto eu puder, combaterei subversivamente a extinção das cartas, esses pássaros cujas plumas são as palavras! Meu manifesto quixotesco será escrevê-las a quem amo.

E esse é um dia especial para uma carta: hoje celebramos seu aniversário. Foram-se 12 anos desde que, no meio de uma gélida madrugada outonal, você deixou a bolha protetora, aquele lugar aquático silente e idílico que as mulheres carregam em si (suspeito que, por isso, pacientes tenham a fantasia, sobretudo em momentos turbulentos, de migrarem para uma ilha inexplorada). Um paraíso temporário que se torna sufocante aos bebês, tornando urgente a partida. Não sabem para onde vão, mas guardam consigo um tipo de convicção ancestral de que é impossível permanecer naquele casulo para sempre. Repousar dia e noite já não é mais uma opção. Graças ao fato de que a espécie humana se levantou e manteve apenas os dois pés no chão, o território uterino encolheu de tal forma que é necessário subitamente abandonar nosso primeiríssimo país, mesmo que cheguemos do lado de fora bastante frágeis e imaturos (nunca estamos realmente prontos frente ao que é novo, você logo compreenderá... ainda mais quando nossos pequenos olhos abrem-se, numa fresta, após meses de sonolência amniótica, e veem uma coreografia de estranhos objetos gigantes que emitem sons!).

É verdade que todos chegamos a este mundo cheios de possibilidades. Cada recém-nascido de agora será capaz de fazer coisas notáveis em algum ponto distante do futuro, se as circunstâncias não se tornarem obstáculos insuperáveis. Capazes de projetar soluções inovadoras, ultrapassando limites. Reparar os danos que nós próprios causamos à natureza. Alcançar o solo longínquo de mares, desertos, florestas e planetas. Repensar teorias, iluminando um pouco o que era mistério ou equívoco. Prevenir ou curar doenças. Aliviar o sofrimento de outros. Escrever, pintar, esculpir, cantar, extraindo beleza de onde nada existia. Lutar pela justiça. Amar mais e melhor. E veja que nossa inventividade é tanta que até dormindo estamos criando uma obra de arte original. Você já parou para pensar que somos todos cineastas, mesmo se não pretendemos? Que não estamos nunca, jamais, enquanto ainda vivos, simplesmente “não fazendo coisa alguma”? Li certa vez que teorias científicas revolucionárias emergiram em sonhos. Dmitri Mendeleev terminou de compor a tabela periódica dos elementos químicos enquanto dormia. Alfred Wallace compreendeu a evolução das espécies quando amanheceu de uma noite febril. Srinivasa Ramanujan dizia que sua maior descoberta matemática foi vista por ele num sonho – sobre uma tela vermelha feita de sangue a jorrar; alguém registrava a comprida sequência de números que ele, Ramanujan, havia anos tentava descrever. Ao acordar, copiou e conferiu. A mão anônima no sonho era uma parte de sua mente que continuava pensante, quando todo o resto descansava.

Mas também é verdade que nem sempre nosso potencial inventivo beneficia vínculos amorosos. A benignidade não é um destino humano – é metade dom inato, metade luta interna. Em alguma medida, somos todos vocacionados para enganar, dominar, oprimir, torturar e matar. Você ainda terá a chance de caminhar por um memorial de guerra ou campo de concentração. Não se apresse, porém alimente esse projeto – mesmo que uma visita dessas possa arruinar qualquer clima de férias, traz o benefício de expandir nossas perplexidades. Quer um exemplo? Desses terríveis lugares, nós saímos convencidos de que a genialidade pode tragicamente servir ao mal, que homens e mulheres brilhantes podem dedicar suas vidas a aumentar a eficiência da destrutividade. Começamos, então, a temer a enorme capacidade de negação que trazemos dentro de nós. É possível que boas pessoas criem justificativas para as piores maldades cometidas sob comando de uma liderança e que, progressivamente, se tornem insensíveis até mesmo a atrocidades quando elas atingem os “outros”, os “diferentes”, os “inferiores”. Também nesses lugares vemos nomes e rostos de quem sobreviveu, possuindo somente o próprio corpo – machucado, faminto, esquelético. Perderam tudo, perderam todos. Alguns saíram com a alma morta para sempre. Lembra-se do pássaro de Edgar Allan Poe, o corvo que repete “Nunca mais” para qualquer coisa que se diga a ele? Um pássaro ressentido, destinado a lembrar o que foi perdido. Um pássaro desesperançado, que nada vê à frente. Há pessoas que são arruinadas por uma experiência – trazem um corvo falante dentro de si, um corvo invasivo e insistente. Outros, no entanto, vivem intensamente, apesar do quanto tenham sofrido. Não é justo dizer que “superaram” o trauma, que se “curaram”, ou que “perdoaram”. O que fizeram foi voar, isso sim, para algum lugar onde recomeçaram.

Então aqui chegamos nós, bebês humanos, no meio de algo. Um aguardado verão, feito de céus dourados. Uma semana chuvosa e acinzentada, que parecia nunca ter fim. O pôr do sol de uma tarde de primavera. A vida lá estava, simplesmente acontecendo, um dia após o outro. Apenas para nós foi um começo súbito. Sem palavras. Sem compreensão. Sem realizações. Somente a visão de um planeta exótico num momento em que não conseguíamos nem mesmo segurar uma mamadeira ou espantar um pernilongo – um momento em que pudemos sobreviver apenas porque, ao lado de fora, encontramos essas sete coisas: amor, atenção, aconchego, abrigo, alimento, água e ar (lembro de um professor muito sagaz dizendo que, em espanhol, sua língua materna, a primeira letra do alfabeto já inclui tudo de que necessitamos: *amor, atención, aconchego, amparo, alimento, agua y aire* – “também em português é assim”, pensei). Nada disso um bebê pode conseguir por si próprio. Do berço ao túmulo, somos todos carentes. Temos sorte se podemos dizer que alguém estava por perto quando a vida se tornou confusa, atemorizante, exaustiva ou, talvez, sem qualquer sentido – que alguém estava por lá, não importa o quão imperfeitamente, não importa o quanto também nós sejamos imperfeitos.

Você não precisa ser bom,  
nem precisa andar de joelhos  
por cem milhas, num deserto, arrependendo-se.  
Você só precisa deixar o animal delicado que há em seu corpo  
amar o que ele ama.  
Fale-me sobre desespero, o seu, e eu lhe falarei do meu.  
Enquanto isso o mundo segue.  
Enquanto o sol e os cristais translúcidos de chuva  
estão se movendo por entre as paisagens,  
sobre planícies e árvores profundas,  
montanhas e rios.  
Enquanto isso, os gansos selvagens, voando alto no céu límpido e azul,  
estão novamente voltando para casa.  
Seja você quem for, não importa o quanto esteja sozinho,  
o mundo se oferece à sua imaginação,  
Chama você assim aos gansos selvagens – firme e vividamente  
De novo e sempre anunciando o lugar que é seu  
na família das coisas.

Um precioso lembrete de Mary Oliver – para mim, nem sei bem o porquê, uma das mais especiais poetisas contemporâneas. Talvez porque escreve simples, escreve para afinar a sensibilidade (não para desafiar a inteligência). Talvez, sobretudo, porque, em seus breves poemas, encontramos um lampejo de esperança. Exatamente agora, pessoas de vários lugares do globo estão desistindo de quase tudo o que lhes importava já que permanecer em casa poderia custar a própria vida. São forçados a partir, levando apenas o que os braços podem carregar. Algumas peças de roupas que aqueçam. Uma criança assustada dentro de um cobertor. Uma sacola com comida para a incerta caminhada por rodovias e campos. Uma caixa de sapatos onde foram improvisadamente misturados documentos pessoais, notas de dinheiro, porta-retratos e frascos de remédios. Milhares de pessoas estão procurando por um lar, implorando pelo que consulados no mundo inteiro chamam de *Asilo* (um pequeno termo latino que significa “nova cidadania para quem nunca planejou deixar seu país até que, de repente, o que era quintal florido transformou-se em campo de batalha”).

É possível que impulsos criativos sobrevivam nessas pessoas, a despeito da vastidão de suas perdas. Acontece, às vezes, de fazerem algo extraordinário de suas vidas, quando finalmente conseguem um pedaço de terra estrangeira.

Que você possa voar, para longe, para o alto.

Que sinta que é parte do mundo a seu redor, esteja onde estiver.

Que sua riqueza seja feita de afetos, e sensações, e memórias, e propósitos, e vontades, isso tudo que nunca deixamos para trás.

Que você seja como os pássaros selvagens, meu filho.

Felizes muitos aniversários ainda por virem

